

MONTEIRO LOBATO

A CHAVE DO
TAMAINHO

ilustrado por
LOLE

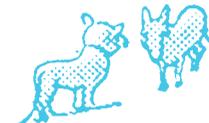


MAPA DO MUNDO DAS MARAVILHAS

ILHA DE ROBINSON



CASTELO DO BARÃO DE MÜNCHAUSEN



PAÍS DAS FÁBULAS



REINO DAS ÁGUAS CLARAS



CHIQUEIRO RABICÓ

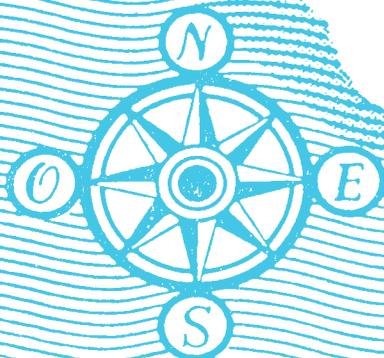
SÍTIO DE DONA BENTA



CASTELO DA BELA ADORMECIDA



TELA DE ARANHA





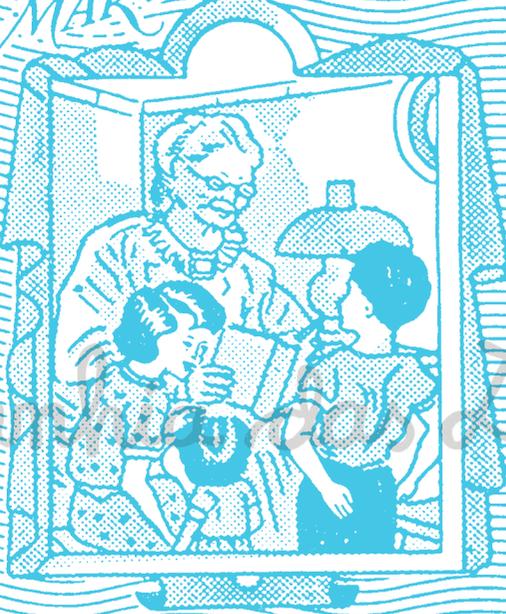
PAIS DAS MARAVILHAS



LILIPUT



MAR DAS SEREIAS



Emporium das Lendas



ILHA DE BRANCA DE NEVE



MAR DOS PIRATAS



TERRA DAS ESTRELAS E UMA NOITE

TERRA DO NUNCA



Companhia das Letrinhas

A CHAVE DO
TAMAINHO

Companhia das Letrinhas

Companhia das Letrinhas

BIBLIOTECA
LOBATO

MONTEIRO LOBATO

A CHAVE DO
TAMAINHO

Companhia das Letrinhas

Organização

MARISA LAJOLO

Ilustrações

LOLE

Paratextos

CILZA BIGNOTTO



Copyright do texto © 2019 by Companhia das Letras
Copyright das ilustrações © 2019 by Lole

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Texto baseado na 8ª edição de *A Chave do Tamanho*, publicada na 2ª série da coleção Obras Completas de Monteiro Lobato, Editora Brasiliense, 1960. Esta foi a última edição aprovada pelo autor em vida.

Organização: MARISA LAJOLO

Paratextos: CILZA BIGNOTTO

Consultoria: VLADIMIR SACCHETTA

Capa e projeto gráfico: JULIANA VIDIGAL

Crédito da reprodução da ilustração na guarda: J. U. CAMPOS

Créditos das imagens:

P. 140: A CHAVE DO TAMANHO — CAPA 1942
ACERVO ICONOGRAPHIA

Preparação: PAULA MARCONI DE LIMA

Revisão: ANA MARIA BARBOSA e THAÍS TOTINO RICHTER

Tratamento de imagem: AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lobato, Monteiro, 1882-1948
A Chave do Tamanho / Monteiro Lobato ; (ilustrações
Lole.) — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas,
2021.

ISBN 978-85-7406-909-8

1. Literatura infantojuvenil I. Lole. II. Título.

20-49172

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

☎ (11) 3707-3500

🌐 www.companhiadasletrinhas.com.br

🌐 www.blogdaletrinhas.com.br

📘 /companhiadasletrinhas

📍 companhiadasletrinhas

📺 /canalLetrinhaZ

Companhia das Letrinhas



Companhia das Letrinhas

SUMÁRIO

<i>Antes de A Chave do Tamanho começar...</i>	8	14. A CAMINHO DO PICAPAU AMARELO	71
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA	11	15. O CORONEL TEODORICO	77
1. PÔR DO SOL DE TROMBETA	13	16. O TERROR DO LAGO	87
2. A CHAVE DO TAMANHO	16	17. RABICÓ, O CANIBAL	95
3. POR CAUSA DO PINTO SURTA	23	18. O FILÓSOFO CHINÊS	100
4. A VIAGEM PELO JARDIM	25	19. VIAGEM PELO MUNDO	103
5. AVENTURAS	28	20. A CIDADE DO BALDE	112
6. A FAMÍLIA DO MAJOR APOLINÁRIO	34	21. A ORDEM NOVA	118
7. JUQUINHA CONTA A SUA HISTÓRIA	40	22. NA CASA BRANCA	125
8. A TRAVESSIA DAS SALAS	45	23. AINDA LÁ	128
9. A ESTANTE DOS REMÉDIOS	48	24. O PLEBISCITO	133
10. O FORD ESCANGALHADO	50	25. A VOLTA DO TAMANHO	136
11. NO NINHO DO BEIJA-FLOR	57	<i>Monteiro Lobato: um grande contador de histórias</i>	138
12. O GIGANTE DE CARTOLA	63	<i>Curiosidades sobre A Chave do Tamanho</i>	140
13. REVELAÇÕES	67	<i>Biografias</i>	143

Companhia das Letrinhas

ANTES DE A CHAVE DO TAMANHO COMEÇAR...

O Sítio do Picapau Amarelo está logo ali, virando a página. Já dá para ver, ao longe, Emília e Tia Nastácia, Narizinho e Pedrinho, Dona Benta e o Visconde de Sabugosa parados na porteira, apreciando o pôr do sol. Eles esperam por você para começar mais uma aventura. Mas, antes de encontrar, ou reencontrar, a turminha do Sítio, vale a pena a gente bater um papo rápido sobre algumas coisas importantes.

Quando este livro foi lançado, em 1942, Monteiro Lobato já era um autor famoso. As crianças esperavam ansiosas pelas novas e divertidas histórias passadas no Sítio, onde muitos fãs queriam morar. Naquele ano, o tão aguardado novo livro de Lobato apresentava um nome instigante — *A Chave do Tamanho* — e tratava de um assunto que preocupava todo mundo: a Segunda Guerra Mundial.

Os adultos brasileiros estavam o tempo todo comentando sobre as notícias da guerra, lidas nos jornais e ouvidas no rádio. Naquele tempo, ainda não existia televisão nem internet, mas um nome sempre estava nas conversas: Adolf Hitler, o líder da Alemanha, que havia começado a guerra em 1939. Ele havia invadido países como a Polônia, vizinha da Alemanha, porque pretendia criar um império para os alemães.

Inglaterra e França acharam muito errado um país invadir os outros e declararam guerra contra a Alemanha. Aos poucos, outros países foram se aliando aos ingleses e franceses, formando um grupo conhecido como Aliados. Do outro lado da briga estavam Alemanha, Itália e Japão, o grupo dos países do Eixo.

Não é fácil convencer pessoas a deixarem suas casas, famílias e amigos para ir a uma terra estrangeira matar outras pessoas e, provavelmente, morrer também. Para fazer os alemães acreditarem que precisavam invadir outros países, Hitler e os membros de seu partido político, o Partido Nazista, criaram uma história que convenceu boa parte da população alemã não só a entrar em guerra com estrangeiros, mas a matar outros alemães.

A história era mais ou menos assim: segundo Hitler, os nazistas iriam criar uma “raça” formada por quem ele acreditava ser as “melhores pessoas”, supostamente mais fortes e inteligentes, que, por sua vez, fariam do mundo um lugar mais rico e feliz. Essa raça seria a “ariana”, que incluiria pessoas brancas e excluiria muitos grupos, como os judeus, os ciganos, as pessoas com problemas de saúde graves, entre várias outras. A tal raça (e a história toda) era uma invenção absurda; mas milhões de seres humanos, dentro e fora da Alemanha, acreditaram ou fingiram acreditar nesse contrassenso e passaram a perseguir, aprisionar e matar todos os que não fossem considerados

arianos. Milhões de crianças, adultos e idosos tidos como “não arianos” foram tirados de suas casas e mandados à força para campos de concentração. Nessas gigantescas prisões, eles sofriam todo tipo de tortura, por vezes durante anos, até serem mortos.

“Que horror!”, você deve estar pensando. Foi mesmo um horror, que entristecia Dona Benta, Tia Nastácia e todos os adultos ao redor do mundo que acreditam em outro tipo de história: a de que todos os seres humanos têm valor, e a de que juntos podem construir um mundo mais rico e feliz. Entretanto, é muito mais difícil conviver com os que são diferentes de nós e compartilhar com eles as riquezas do mundo. Como você vai perceber ao ler *A Chave do Tamanho*, viver em sociedade com pessoas que pensam de outro jeito é um desafio que exige muito diálogo, muita compreensão e muito respeito às opiniões de todos. No Sítio do Picapau Amarelo é assim que acontece: todo mundo tem valor e tem voz. Quando alguém, como Emília, se acha superior aos demais e quer impor sua vontade, logo as outras personagens conversam com ela e a fazem repensar seus atos e palavras, levando em consideração as vontades de todo o pessoal do Sítio.

Esse jeito de viver, que nós chamamos de democracia, continua importante nos dias de hoje. A Segunda Guerra Mundial acabou, os nazistas foram derrotados, mas ainda existem guerras no mundo e ainda existem pessoas que acreditam que o caminho mais fácil de conquistar a riqueza e a felicidade é usando violência contra todos que são diferentes. No Brasil — que lutou contra o nazismo ao lado dos Aliados — existe quem não aceite conviver com quem tem corpo ou ideias diferentes.

Não foi só Hitler que saiu por aí contando uma história absurda para convencer pessoas da suposta superioridade da “raça branca”. Muito antes dele, uma ideia parecida justificou o horror que foi a escravidão de milhões e milhões de africanos, sequestrados de suas casas, separados de suas famílias, trazidos à força para lugares como o Brasil. Aqui, a escravidão durou três séculos. Isso mesmo: trezentos anos. Fomos o último país a abolir a escravidão no continente americano.

Será que um processo tão violento quanto a escravidão pode terminar sem deixar feridas? Essa pergunta é fácil de responder e difícil de viver. Pois a resposta é não. As feridas são muitas, incontáveis, e ainda estão por aí, doendo muito. No livro, elas aparecem por todo lado: os donos dos sítios são brancos, os empregados são negros. Tia Nastácia e Tia Febrônia, por exemplo, entre tantas outras mulheres, muitas delas chamadas de criadas, tinham sido escravizadas um dia. Após a abolição, elas acabaram permanecendo na casa de seus antigos senhores — muitas não tinham para onde ir. Infelizmente, o racismo ainda existe no Brasil e precisa ser combatido todos os dias.

Mas você vai descobrir que *A Chave do Tamanho* é muito maior do que a tristeza dessas questões. Na história, há o pior da humanidade, mas também o seu melhor: a capacidade de resistir ao mal e de combatê-lo; a capacidade de amar as pessoas pelo que elas são, sem julgá-las por superficialidades como a aparência; a capacidade de

questionar ideias absurdas, de buscar o conhecimento, de refletir sobre a vida, a natureza, a sociedade. A capacidade de criar novas maneiras de viver em liberdade, e discuti-las e testá-las. A capacidade de sonhar, brincar e imaginar mundos melhores.

Então, prepare-se para encontrar um pouco de tudo no Sítio (e no mundo): preconceito e conceito, opressão e liberdade, choro e riso, medo e coragem, morte e vida. Se as coisas estiverem embaralhadas, é porque a vida é assim mesmo, e cabe a nós a aventura de desembaralhar ideias, narrativas e problemas, na nossa cabeça e na nossa sociedade. Para isso, é preciso pensar sobre o que lemos e o que vivemos. A turminha do Sítio vai te ajudar nisso — especialmente Emília e Visconde, que viajaram lá do passado para conversar com você sobre alguns temas mais complicados.

Siga em frente, eles te esperam logo ali, depois da porteira.

Companhia das Letrinhas

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Os personagens deste livro vêm de obras anteriores. Todos nascem em *Reinações de Narizinho* e aparecem em *O saci*, *Viagem ao céu*, *Caçadas de Pedrinho*, *Emília no País da gramática*, *Geografia de Dona Benta*, *Aritmética da Emília*, *Memórias da Emília*, *O poço do Visconde*, *O Picapau Amarelo*, *O Minotauro* e outros...

Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho, vive com eles no Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Tia Nastácia, uma **preta cozinheira**, e mais o Visconde de Sabugosa, que é um sabugo de milho muito sábio, Quindim, que é um rinoceronte domesticado, Conselheiro, que é um admirável burro falante, e Emília, uma ex-boneca de pano, antiga esposa do celeberrimo Marquês de Rabicó. Emília foi evoluindo e insensivelmente passou de boneca a gente de verdade, conservando o tamanho inicial — quarenta centímetros de altura. É o símbolo da independência mental e da habilidade para enfrentar todas as situações. Praticamente é quem governa o sítio de Dona Benta — e sempre exerceu uma completa ascendência sobre o Visconde.

A vida no Picapau Amarelo é um interminável suceder de renações maravilhosas, nenhuma das quais equivale em originalidade e imprevisas consequências para o mundo à descrita nesta obra. Emília excedeu-se, como disse o Visconde — e por um triz não determinou no gênero humano a mais radical das mudanças —, como o leitor verá.



Nossa! Antes de a história começar o Lobato já quer dar uma “explicação”...

Deixa quieto, Emília. Ele acha que os leitores podem ter esquecido quem é quem.



Engano dele, Visconde! O leitor nunca se esquece. Ou ele acha que alguém é capaz de se esquecer de mim?

Veja, Emília, como a escravidão afetou a maneira de as pessoas enxergarem seus semelhantes: Tia Nastácia é, antes de tudo, “preta”...



Aprendi que não se julga ninguém pela cor da pele. Ainda bem, porque a minha muda sempre que trocam meus retalhos de pano.



— O pôr do sol de hoje é de trombeta — disse Emília, com as mãos na cintura, depezinha sobre o batente da porteira onde, naquela tarde, depois do passeio pela floresta, o pessoal de Dona Benta havia parado. Eles nunca perdiam o ensejo de aproveitar os espetáculos da natureza. Nas chuvas fortes, Narizinho ficava de nariz colado à janela, vendo chover. Se ventava, Pedrinho corria à varanda com o binóculo para espiar a dança das folhas secas: “Quero ver se tem saci dentro”. E o Visconde dava as explicações científicas de todas as coisas.

O pôr do sol daquele dia estava realmente lindo. Era um *pôr do sol de trombeta*. Por quê? Porque Emília tinha inventado que em certos dias o Sol “tocava trombeta a fim de reunir todos os vermelhos e ouros do mundo para a festa do ocaso”. Diante dum pôr do sol de trombeta ninguém tinha ânimo de falar, porque tudo quanto dissessem saía bobagem. Mas Dona Benta não se conteve.

— Que maravilhoso fenômeno é o pôr do sol! — disse ela.

Emília deu um piscar para o Visconde por causa daquele “fenômeno” e resolveu encerrar.

— Por que é que se diz “pôr do sol”, Dona Benta? — perguntou com o seu célebre ar de anjo de inocência. — Que é que o Sol põe? Algum ovo?

Dona Benta percebeu que aquilo era uma pergunta-armadilha, das que forçavam certa resposta e preparavam o terreno para o famoso “então” da Emília.

— O Sol não põe nada, bobinha. O Sol põe-se a si mesmo.

— *Então* ele é o ovo de si mesmo. Que graça!

Dona Benta teve a pachorra de explicar.

— “Pôr do sol” é um modo de dizer. Você bem sabe que o Sol não se põe nunca; a Terra e os outros planetas é que se movem ao redor dele. Mas a impressão nossa é de que o Sol se move em redor da Terra, e portanto *nasce* pela manhã e *põe-se* à tarde.

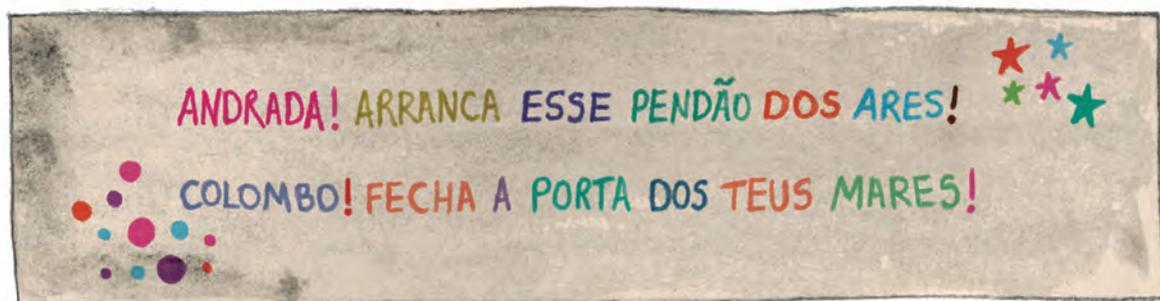
— Estou cansada de saber disso — declarou Emília. — A minha implicância é com o tal de *pôr*. “Pôr” sempre foi botar uma coisa em certo lugar. A galinha põe o ovo no ninho. O Visconde põe a cartola na cabeça. Pedrinho põe o dedo no nariz.

— Mentira! — gritou Pedrinho desapontado, tirando depressa o dedo do nariz.

— Mas o Sol — continuou Emília — não põe cartola na cabeça, nem tem o péssimo costume de tirar ouro do nariz.

— É um modo de dizer, já expliquei — repetiu Dona Benta.

— Estou vendo que tudo que gente grande diz são modos de dizer — continuou a pestinha. — Isto é, são *pequenas mentiras*, e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem se não mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:



“Tudo mentira. Como é que esse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares, e ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. E como é que esse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar a ‘porta’ dos ‘teus’ mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares, quem tem mares é a Terra?”

Dona Benta suspirou.

— Modos de dizer, Emília. Sem esses modos de dizer, aos quais chamamos “imagens poéticas”, Castro Alves não podia fazer versos.

— Mas é ou não é mentira?

Dona Benta ia abrindo a boca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada. Era o estafeta que, um dia sim, um dia não, portava ali para entregar a correspondência. Todos tiraram os olhos do pôr do sol para pô-los no estafeta.



Por que Dona Benta gosta tanto desse Castro Alves?

Ora, Emília! Todo mundo gosta de Castro Alves. Ele é um dos nossos maiores poetas! Por isso Dona Benta leu pra gente “O navio negreiro”, um poema emocionante contra a escravidão no Brasil.



O homem chegou. Deu boa-tarde. Apeou com ar de eterno descadeirado e abriu o encardido saco de lona para tirar os jornais de Dona Benta.

— Há também uma carta para o sr. Visconde de Sabugosa — disse ele entregando o pacote.

Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha e arrancou-a das mãos de Dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares.

— Deve ser resposta a uma consulta que fiz sobre as vitaminas do pó de pirlimpimpim — explicou modestamente o Visconde, enquanto Emília se preparava para rasgar o envelope e Pedrinho suspirava pelo bodoque.

— Não abra, Emília! — gritou Narizinho. — Vovó já disse que o sigilo da correspondência é inviolável. Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la.

Emília fez um muxoxo de pouco-caso e enfiou a carta no nariz do Visconde, dizendo:

— Coma, beba o seu sigilo.

Enquanto isso, Pedrinho desdobrava o jornal e lia os enormes títulos e subtítulos da guerra.

— Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.

O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.

— Não fique assim, vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui.

— Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você, ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou, não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos.

Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento — mas por um triz não acabou também com a humanidade inteira.

Na noite daquele dia, em sua caminha de paina, ela perdeu o sono. Quem

entrasse em sua cabeça leria um pensamento assim: “Esta guerra já está durando demais, e se *eu* não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a Chave da Guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a Chave da Guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. Porque há de haver uma Casa das Chaves, com chaves que regulem todas as coisas deste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor regulam todas as lâmpadas duma casa”.

O Visconde, de fato, andava estudando um misterioso superpó, capaz de maravilhas ainda maiores que o velho pó de pirlimpimpim; por isso passava as noites em claro e até recebia cartas científicas do estrangeiro. Mas naquela noite Emília ouviu uns ronquinhos.

— Será o Visconde? — disse ela, e foi ver. Era o Visconde, sim, que, depois de noites e noites passadas em claro, dormia um sono de Rabicó. “Se ele está ferrado no sono a ponto de roncar”, pensou Emília, “é que já resolveu o problema do superpó. Ronco de sábio quer dizer cabeça fresca, invenção já inventada.”

Pensando assim, Emília foi pé ante pé ao laboratorinho do Visconde e remexeu tudo até encontrar numa pequena caixa de fósforos uma substância parecida com cinza. Cheirou-a. Lembrou o cheiro do pó de pirlimpimpim.

— Deve ser isto mesmo — disse ela, e corajosamente tomou uma pitada.

 A CHAVE DO TAMANHO

Fiunnn!!!

Quando Emília abriu os olhos e foi lentamente voltando da tonteira, deu consigo num lugar nebuloso, assim com ar de madrugada. Não enxergou árvores nem montanhas nem coisa nenhuma — só havia lá longe um misterioso casarão.

— Isto deve ser o fim do mundo, e aquela casa só pode ser a Casa das Chaves. Que pó certo o do Visconde!

Ergueu-se, ainda tonta, e aproximou-se do casarão. Certinho! Um grande letreiro na fachada dizia simplesmente isto: CASA DAS CHAVES. Emília esteve algum tempo de nariz para o ar, com os olhos naquelas estranhas letras de luz. Viu uma porta aberta. Enchendo-se de coragem, entrou. Não havia coisas lá dentro, objeto nenhum, nem máquinas. Só aquele mesmo nevoeiro de lá fora. Mas, numa

espécie de parede, distinguiu um correr de chaves como as da eletricidade, todas erguidas para cima.

“Hão de ser as chaves que regulam e graduam todas as coisas do mundo”, pensou Emília. “Uma delas, portanto, é a chave que abre e fecha as guerras. Mas qual?”

Emília segurou o queixo, a refletir. Pensou com toda a força. Não havia diferença entre as chaves. Todas iguaizinhas. Nada de letreiros ou números. Como saber qual a Chave da Guerra?

— A única solução é aplicar o método experimental que o Visconde usa em seu laboratório. É ir mexendo nas chaves, uma a uma, até dar com a da guerra.

Mas as chaves ficavam numa fileira a oito palmos do chão, fora, pois, do alcance duma criaturinha de apenas dois palmos de altura. Como alcançar as chaves?

Emília correu os olhos em redor. Não viu nenhuma escada nem cadeira, nem caixão em que pudesse trepar. Não havia sequer uma vara. O remédio seria recorrer novamente ao superpó. “Se eu cheirar a metade do menor dos grãozinhos trazidos nesta caixa, subo até lá e agarro-me a qualquer das chaves.”

E assim fez. Escolheu o grãozinho de pó menor de todos, partiu-o ao meio e aspirou metade. Deu certo. Bastou o cheiro daquela isca de superpó para erguê-la até as chaves, permitindo-lhe pendurar-se numa. Nem precisou fazer força. Bastou o seu peso para que a chave descesse quase até o fim.

Mas o que aconteceu foi a coisa mais imprevista do mundo. Tudo se transformou diante de seus olhos, e um pano enorme, como o toldo dum circo de cavaleiros, desabou sobre ela. Emília sentiu-se rodeada de pano; o chão era de pano; por cima só havia pano; dos lados, pano, pano e mais pano. E com o peso de tanto pano ela nem podia conservar-se de pé. Ficou deitadinha, como achatada. Mas era preciso sair dali ou pelo menos fazer esforços para sair, porque já estava sentindo falta de ar. E começou a engatinhar debaixo da panaria, numa cega tentativa de fuga. As dobras eram muitas, de modo que a cada momento tinha de fazer rodeios para poder avançar. E foi engatinhando, flanqueando as dobras atrapalhadoras; às vezes até ficava de pé, quando uma dobra maior lhe dava espaço. Emília lembrou-se do labirinto de Creta, onde morava o **Minotauro**. É escuro ali dentro.

~~~~~

Você se lembra do Minotauro, Emília?



E dá pra esquecer um monstro da mitologia grega que tem corpo de homem e cabeça de touro? E que vive num labirinto? E que gosta de comer gente?